

Autor do livro *Lágrimas*
Zola Miguel



PERIGO

em alto mar



Autor do livro *Lágrimas*
Zola Miguel

PERIGO

e m a l t o m a r



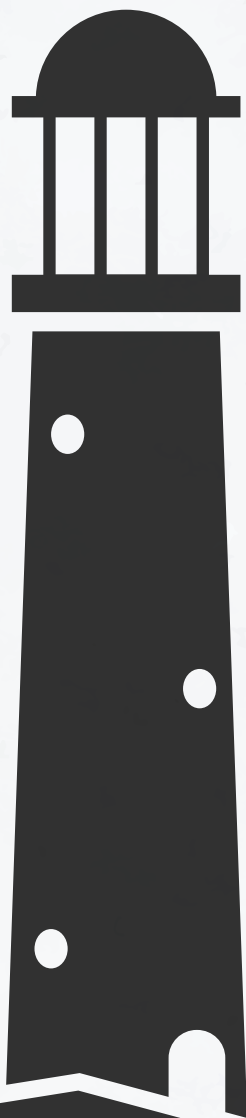


Sobre o autor:

ZOLA MIGUEL

Fascinado pelo mundo das Finanças Pessoais, Finanças Empresariais, Negócios e Empreendedorismo.

É Engenheiro, Formador, Consultor e Mentor de Negócios com vasta experiência no mundo petrolífero e empresarial. É também escritor, com algumas obras publicadas e disponíveis em todo o mercado nacional: ***"O Mapa Sagrado do Empreendedor Milionário"***, ***"Como Fazer o Seu Negócio Prosperar no Século XXI"*** e ***"Lágrimas"***.



© 2023, **Zola Miguel**
Título: ***Perigo em Alto Mar***

1ª Edição
ISBN 978-989-35258-1-4

“

Tributo

Este livro eletrónico é dedicado a todos os profissionais do mundo petrolífero pelo seu inestimável contributo no engrandecimento deste sector que tem sido o baluarte da economia e desenvolvimento do nosso glorioso país.



Introdução

Trabalhar na indústria petrolífera é um dos maiores privilégios profissionais do mundo, mas é igualmente desafiador e perigoso. Os níveis de perigo são muito mais evidentes quando se trabalha directamente numa plataforma de perfuração (*drilling*), numa refinaria ou numa planta flutuante de produção, armazenamento e descarga de petróleo (FPSO).

Por conta dos diversos perigos combinados no mesmo lugar — entre os gases e líquidos inflamáveis, máquinas e maquinarias, fontes de ignição, variedade de personalidades e culturas — é uma indústria em que se exige elevados padrões de competência e segurança.

Qualquer desvio dos procedimentos, dos processos e das medidas de segurança pode resultar em agressões ao meio ambiente, ferimentos graves e fatalidades, é muito mais que simplesmente comprometer o processo de produção. Daí que, para prevenir tais infortúnios,



os trabalhadores devem estar sempre com espírito de unidade e segurança pessoal e colectiva, e à observância das regras, do contrário, os resultados podem ser desastrosos.

Portanto, convidamos o caro leitor a degustar dos detalhes que esta obra apresenta adiante.

Domingos Paulino



Naquela madrugada fria de Quinta-Feira, quando os ponteiros do relógio apontavam duas horas e trinta e três minutos, um estrondo abalou o corpo metálico daquele navio gigante e accionou o alarme, cujo som ecoava com intermitência, alcançando todos pontos do navio. Logo de seguida, através do sistema de anúncio público, foi comunicado que todo o pessoal do navio deveria se deslocar para os respectivos pontos de concentrações primários. A mensagem foi transmitida em português e inglês, como de costume.

As pessoas que dormiam, por sinal, a maior parte da força de trabalho do navio, acordaram em debandada, algumas vestiram as primeiras peças que viram, outras não perderam mais tempo com roupas decentes, saíram dos seus pequenos quartos às pressas, umas com os olhos pesados, outras com rostos vestidos de preocupação, outras ainda com semblantes amarrotados. Eles se moviam pelas escadas em direcção aos pontos



de concentrações primários espalhados pela acomodação. A maioria carregava um colete salva-vidas e uma pasta de emergência, preparados para qualquer eventualidade que se fizesse presente.

CABAÇA era o nome do navio de produção de petróleo e gás, um dos maiores projectos de águas profundas da **África Subsariana**, encontrava-se a Nordeste do bloco sessenta e sete, cerca de duzentos quilómetros da costa, isto é, entorno de três horas de voo de helicóptero. O navio era um **"FPSO" (Unidade Flutuante de Armazenamento e Transferência)** de quatrocentos metros de comprimento, sessenta de largura, contendo módulos de gás, água, geração de energia e acomodação, com uma capacidade de produção de cento e oitenta mil barris de crude por dia. Com mais de cem trabalhadores de várias nacionalidades, como portugueses, angolanos, americanos, sul-africanos, indianos, nigerianos, e outras. Era um gigante metálico flutuando bem no coração das águas angolanas.

Decorridos alguns minutos, a **Directora Geral** da instalação, que havia chegado à sala de controlo, comunicava em inglês, através do sistema de anúncio público, reforçando a mensagem anterior. Informou que o alarme geral havia sido accionado devido à indicação de fogo, entretanto, naquele momento, o mais importante era que todo mundo se dirigisse aos pontos de concentração primários



e seguisse as instruções. Terminou dizendo que voltaria a pontualizar a situação brevemente. A mesma mensagem foi traduzida para português pelo operador da sala de controlo, **Kiluanje**.

Todavia, assim que Kiluanje terminou sua fala, um segundo estrondo sacudiu o navio, algumas lâmpadas piscaram, vários objectos soltos — copos, papéis, telefones, ficheiros e não só — que estavam sobre as mesas foram jogados ao chão. Uma situação que fez o coração de muitos bater descompassado, ecoando ansiedade em cada batida.

A Directora Geral, **Neusa**, uma jovem mulher oriunda das terras do **Bago Vermelho**, olhou para o pessoal que estava aí presente, fez um giro de cento e sessenta graus com aqueles olhos achocolatados, viu algumas pessoas esfregando as mãos, outras com olhos arregalados e rostos carregados de medo como se tivessem visto um fantasma, outras ainda permaneciam indolentes como robôs, no entanto, quando ela fixou os seus olhos num dos largos monitores, o que ela viu deixou-a aterrorizada. Ela percebeu que os próximos minutos seriam tenebrosos.



ALGUMAS HORAS ANTES...

Gelson, um operador de produção com vasta experiência na indústria petrolífera, chegou ao navio naquela Quarta-feira, no período de tarde, após uma extenuante viagem de barco de mais de sete horas, e depois de participar no *briefing*¹ da Directora Neusa, conversava com o seu chefe.

— Gelson, vais trabalhar no turno da noite. Temos uma actividade importante à noite, por isso, vê se descansa, kota. Podes começar o turno a partir das vinte e uma horas — o chefe das operações do turno do dia, *Wilson*, informou-lhe.

— Está bem, chefe. Preciso mesmo descansar. Aqueles assentos do barco, poxas, não ajudam em nada, estão a dar cabo das costas dum gajo, mas, prontos, a gente aguenta.

Depois do repouso de, aproximadamente, quatro horas, Gelson não conseguiu mais dormir, perdera o sono, até porque o seu organismo ainda não tinha se ajustado aquele novo horário. Por

¹ Reunião de boas-vindas.



isso, às vinte horas, aí no vestiário, vestiu o seu macacão branco bem amarrotado, colocou um cinto de ferramentas de cabedal preto, pegou o capacete branco e os óculos de segurança e foi ao encontro do chefe das operações do turno da noite, mas antes passou na copa para preparar um chá, precisava de algo quente para reprimir o frio.

— Gelson, dá pra ver que descansaste o suficiente — **Mavinga** ironizou, o jovem chefe das operações do turno da noite. — É assim, mô kota, o compressor de gás de alta pressão..., o “CAP1”, parou na terça-feira devido à falha de um transmissor de pressão. Como tínhamos algumas actividades de Mecânica e Instrumentação pendentes e que não deveriam ser mais adiadas, então, aproveitou-se a paragem para executá-las. Todas elas já foram executadas com sucesso.

Gelson, com os ouvidos e a atenção cravados no que Mavinga dizia, acompanhava a sua explicação. Às vezes dava pequenos goles do chá perfumado, deveria ser chá de **bulukutu** pelo aroma que infectava o ambiente do escritório.

— Agora estamos na fase de reiniciar o compressor — Mavinga retomou a explicação —, sendo assim, gostaria que completasses as **pre-start-up checks**². Aqui estão os documentos que vais precisar. Já falei com o **André** e o **Pedrosa**, estão a aguardar por ti.

² Verificações feitas antes de iniciar um equipamento.



— Está bem, chefe — disse recebendo os papéis. — Depois de ler o *handover*³, vou rever toda papelada e, assim que estiver satisfeito, começaremos com as operações.

O kota se retirou do escritório vidrado do chefe das operações, levando consigo um ficheiro azul de documentos debaixo do braço esquerdo e o copo de chá na mão direita. O copo branco de porcelana tinha estampas de duas jovens morenas, lindas e sorridentes — suas filhas gémeas de vinte anos — e uma delas, *Kyara*, preparava-se para se casar, faltavam menos de trinta dias, mesmo assim, o kota estava com o sentimento misto, porque, por um lado, estava feliz em ver sua filha se casar, tornar-se mulher e mãe, mas, por outro lado, estava triste visto que a sua pequena princesa sairia das suas asas.

O kota, proveniente do *Marçal*, desceu as escadas do primeiro andar de acomodação em direcção à sala dos operadores ao encontro do André e Pedrosa. Posto lá, ele reuniu com os dois jovens operadores, analisaram os documentos e explicou-lhes o plano de execução da actividade.

— Entenderam, putos? — Gelson indagou, enquanto acariciava sua barba grisalha e cuidadosamente aparada.

— Yha, kota, entendi — André retorquiu com muita confiança, enquanto Pedrosa só meneou a cabeça.

³ Documento contendo informações relevantes das actividades.



André era um operador júnior, já participara em algumas actividades do género e aquilo não era novidade para ele. O jovem nativo da **Ilha de Luanda**, Pedrosa, ao contrário, era a sua segunda rotação **offshore**⁴ e, com os seus vinte e dois anos, não tinha muita experiência de tal forma que muita coisa que lhe diziam era como se fosse o evangelho — não questionar muito — afinal, o kota tinha mais de duas décadas de experiência.

Após alguns segundos, Gelson reforçou a sua mensagem.

— Meus putos, esse mambo é simples, já fiz este tipo de operações várias vezes, por isso vou deixar-vos tomar a conta da actividade e qualquer dúvida ou problema que tiverem me dão um toque, ya? — André e Pedrosa acenaram as cabeças afirmativamente. — Ok, o vosso kota está fatigado e vai repousar um pouco no “parlamento”, está bem? — acrescentou.

— Não há makas, vamos bater o mambo e qualquer problema vamos parar e te informar — André assegurou-o enquanto recolhia os documentos que estavam sobre a mesa.

Decorridos algumas horas, o grupo executou o seu plano com sucesso — se é que foi com sucesso —, André entregou os documentos ao Gelson que, depois de os conferir, informou ao Mavinga que havia terminado a actividade e não

⁴ No mar.



tinham encontrado nada de anormal, ou seja, o compressor estava pronto para se reiniciar. Devolveu-lhe os documentos de verificação bem assinalados e assinados.

– Muito bem, Gelson! Como já são quase zero horas, hora de almoço, então só depois do almoço vamos reiniciar o mambo. Avisa também os rapazes – Mavinga disse.

– Está bem, boss.

Assim, depois do almoço, por volta das duas da manhã, tudo já estava preparado para o compressor retornar ao serviço. Gelson, ainda a liderar a equipa, estava no teatro das operações ladeado dos seus pupilos, André e Pedrosa.

– Atenção, pessoal! Daqui a instantes vamos arrancar o compressor de gás de alta pressão número um, quem não está envolvido nessa actividade se afaste do módulo de gás e obedeça aos sinais e as barreiras de segurança colocados no local – Kiluanje comunicou.

Kiluanje, o operador da sala de controlo sénior, apertou o botão de arranque do compressor nos gráficos do monitor e a enorme máquina do tamanho de um contentor de quarenta pés arrancou sem problemas, seguindo o seu normal ciclo. Kiluanje mantinha a comunicação constante, via rádio, com a equipa do Gelson que estava no local para monitorizar a operação.



Minutos depois do compressor arrancar, algo chamou à atenção do André que prontamente reagiu:

— Kota, estou a sentir cheiro de gás. Não estás?
— perguntou. — Aquilo lá em cima é o quê?

— Sim, puto, parece-me que cheira mesmo a gás. O que viste lá em cima?

Gelson virou a cabeça em direcção ao olhar do André, contudo foi tarde de mais.



BoooOMMM...



Subitamente, o inesperado aconteceu, Gelson e André foram projectados, lançados como folhas de papel para largos metros do compressor, e os dois ficaram estatelados e inanimados – nenhum humano conseguiria se manter consciente depois daquilo – a explosão do compressor aconteceu tão rápido que eles não tiveram nenhum segundo de reacção. O paradeiro do Pedrosa era incerto.

Apesar de que o sistema de detecção de fogo e gás tivesse sido activado em simultâneo com a explosão, para o azar do CABAÇA, naquele momento, os sistemas de protecção e combate ao incêndio não foram activados na totalidade devido à falha no sistema lógico e, para piorar a situação, a instalação continuava sob pressões e temperaturas elevadas, tornando-a como uma autêntica bomba, uma bomba-relógio, para ser mais específico. Enquanto isso, Kiluanje fazia de tudo para restabelecer a comunicação com a equipa do Gelson.



— Alô, Gelson! Kota Gelson, responde! —
Kiluanje, desesperadamente, chamava pelo rádio.
— Pedrosa, André, alguém consegue me ouvir?

O silêncio no rádio foi aterrador.

Na presença daquela situação e com o alarme geral que foi accionado automaticamente, Kiluanje anunciou no sistema de anúncio público que todos se dirigissem aos seus pontos de concentração primários. O outro operador de sala de controlo, **Nsimba**, lidava com os alarmes que inundaram os monitores.

O navio estava numa emergência, não era um exercício, mas uma situação real. Tinha de pôr em prática a sua experiência de mais de uma década como operador de sala de controlo, pensou Kiluanje. De seguida, pegou uma caneta azul e uma prancheta preta com papéis, e anotou a hora da activação do alarme geral: duas horas e trinta e três minutos.

Nove minutos tinham se passado depois da segunda explosão, enquanto isso, as pessoas se dirigiam aos seus pontos de concentração primários e a contagem do pessoal continuava normalmente, como as regras de segurança exigem.

Entretanto, ali, na sala de controlo, a Directora Neusa, manteve-se calma, calma não diria, mas fria, mesmo após serem sacudidos violentamente



com a segunda explosão. Ela percebera que tinha um problema, aliás, um problemão à sua frente, o seu rosto clarinho estava a ficar corado.

Além disso, o seu sexto sentido tinha disparado e sabia que aquela segunda explosão não era a última, poderia haver mais e com maior impacto, porque os monitores mostravam uma enorme nuvem de gás movimentando-se para a acomodação.

Neusa, jovem mulher de trinta e seis anos, mãe guerreira de uma menina de cinco anos, a **Kiese**, era a única mulher no navio naquele dia e era a responsável pela segurança de todo mundo, entendeu que tinha de agir rápido. O tempo era seu inimigo, daí conversou com os seus coadjuvantes, a equipa da liderança, também manteve contacto com outros líderes seniores em terra e chegou-se a difícil decisão.

O objectivo primário era salvaguardar a vida das pessoas, e, como as imagens nos monitores mostravam o módulo de gás totalmente dizimado, a solução inevitável era evacuar o pessoal rapidamente. Embora os helicópteros foram mobilizados a partir de Luanda, todos sabiam que quando chegassem à instalação, poderia ser tarde de mais.

Naquele preciso momento, parecia que o tempo passava a passos de camaleão e o perigo não parou por aí. A terceira explosão foi agressiva



e avassaladora. A gigantesca torre metálica da tocha ruiu e foi para o mar, assim, a parte traseira do barco, a popa, começou a afundar. O pessoal sentiu o navio inclinar-se aos poucos. O sistema de protecção e combate a incêndio que fora activado parcialmente, porém devido o tamanho das chamas foi ineficiente e destruído. As três turbinas a gás, os geradores de emergência estavam todos desligados. Algumas lâmpadas de emergência, os equipamentos de controlo e telecomunicação estavam a ser alimentados pelas unidades de baterias. Lá fora, as chamas que iluminavam o navio, rugiam como se fosse um bando de leões furiosos e famintos.

Neusa, com uma postura firme, como se fosse um general, anunciou que a integridade do navio estava comprometida e que, após o alarme de abandonar soar, todos deveriam se dirigir aos pontos de concentração secundários o mais rápido possível, mas com calma e preparar-se para a evacuação.

Os pontos de concentração secundários estavam localizados do lado externo do segundo andar da acomodação. Lá havia três barcos salvavidas alaranjados do tipo *free-fall*⁵ e cada um tinha a capacidade de transportar sessenta pessoas.

A seguir a mensagem da Neusa, o alarme com o toque contínuo soou— era o *“PAPA”*— alarme de abandono do navio —, e toda gente começou

⁵ Queda-livre.



a dirigir-se aos barcos salva-vidas, porém, faziam-no de forma desorganizada e aquilo provocou um alvoroço entre os trabalhadores. As portas de acomodação pareciam pequenas para o mar de pessoas que queriam passar ao mesmo tempo. Isso fez com que alguns desses trabalhadores começassem a lacrimejar como crianças, alguns gritavam em aflição, outros faziam orações invocando a mão de Deus, e havia ainda outros que não conseguiram se controlar – não se pode culpar ninguém nessa hora – e chegaram a ponto de mijarem-se diante das explosões e das monstruosas chamas que a passos largos aproximavam-se à acomodação. Um senhor da equipa de pintura, pobre infeliz, chegou a perder os sentidos, sua tensão baixou, e por pouco seria pisoteado pela multidão desesperada, contudo foi socorrido a tempo. Muitos percebiam que a morte se aproximava para lhes roubar, a julgar pelas suas expressões faciais e pelas palavras que expressavam.

– Sou muito jovem pra morrer! – um jovem magro e alto, com cerca de vinte e poucos anos, gritou em completo desespero. Lágrimas caíam dos seus olhos como gotas de chuva.

– Xé, Xavier, cala a boca! Segue só as instruções e pára de chorar – um companheiro que estava bem ao seu lado berrou-lhe.



— Deus, ajuda-nos, por favor! Não nos abandona, Pai, por favor, eu suplico-te!

Ouviu-se mais um grito, na verdade, uma oração. Era outro jovem barbudo e baixinho, tinha as duas mãos cruzadas e elevadas ao peito, olhos semiabertos e orava sem cessar.

— Atenção, pessoal! — **Calangunga** gritou, o responsável do ponto de concentração do barco salva-vidas nº1. — Vamos agir com calma, assim facilitará o processo, ok! — Depois repetiu a mesma mensagem em inglês com sotaque angolano.

A mensagem do Calangunga parecia ter caído aos ouvidos de surdos, pois o comportamento das pessoas não mudou em quase que nada, visto que algumas delas já tinham apertado o botão de sobrevivência, ou seja, as emoções falavam mais alto do que a razão.

A situação do barco salva-vidas do Calangunga era idêntica a dos outros dois barcos, um frenesim. Mesmo naquele ambiente caótico, de gritaria, de puxa e empurra, de palavrões e tudo mais, as pessoas começaram a embarcar com os seus coletes salva-vidas.

Naquele exacto momento, Neusa e todo o pessoal que estava na sala de controlo chegaram ao ponto de concentração secundário e dirigiram-se aos seus respectivos barcos salva-vidas.

Entretanto, alguns navios de pequeno porte daquele bloco sessenta e sete e dos blocos



vizinhos responderam à chamada *mayday*⁶ e vieram socorrer o CABAÇA. Alguns até ligaram os seus sistemas de combate a incêndios, mas as chamas eram enormes como prédios de dez andares e as explosões, essas pioravam a situação, parecia uma luta injusta, por isso ficaram a rondar o navio, na expectativa de prestar outra assistência. Observavam os barcos salva-vidas e procuravam por pessoas que pudessem se atirar ao mar, pois em caso de incêndios e abandono de instalações era comum aquilo acontecer.

Embora os três barcos salva-vidas estivessem prontos para serem lançados em queda livre para o vastíssimo mar, infelizmente nem todos os trabalhadores que estavam a bordo do navio conseguiram alcançar esses barcos de evacuação. Os que não conseguiram foram instruídos pela Neusa, na sua última mensagem à instalação, a jogarem se no alto mar.

O primeiro barco se lançou ao mar e, minutos depois, o segundo também fez o mesmo, e ouviram-se gritos dos ocupantes, alguns bateram-se com as cabeças nas partes superiores dos pequenos barcos e sangravam, mas, assim que os barcos pousaram na água gelada, afastaram-se do navio em chamas.

Contudo, o barco salva-vidas nº3, onde estava Neusa, os seus coadjuvantes, a equipa de

⁶ Pedido de socorro via rádio.



emergência, equipa dos bombeiros, equipa médica e outras pessoas consideradas essenciais, teve um problema mecânico no mecanismo de lançamento e não conseguia sair do local. O condutor do barco tentou, tentou, mas nada, sem esperanças acabou por desistir.

Os ocupantes ficaram desesperados, instalou-se uma pequena algazarra, mas foi prontamente solucionada com a intervenção da Directora. Perceberam que aquele barco não ia a lugar nenhum e sentar aí como patinhos não era seguro, por isso decidiram desistir e activar o plano B.

— Saem todos! — o condutor do barco gritou.
— Rápido, pessoal, mas sem confusão, por favor.

Os ocupantes começaram a desembarcar do barco com os seus coletes salva-vidas para tentar o plano B, muitos estavam ofegantes e o suor deslizava dos seus corpos tipo chuvisco. O plano B era usar as bolsas salva-vidas, porém algo inevitável bateu-lhes às portas.

A quarta explosão foi impiedosa, derrubou a grandiosa grua do estibordo, quebrou a barreira de explosão da acomodação, lançando objectos em todas as direcções como se fossem projectis. Um dos objectos atingiu violentamente o braço do Nsimba e este caiu aos gritos. O objecto abriu uma ferida que sangrava muito, parecia grave e, naquele mesmo minuto, houve mais uma vítima, desta vez foi um expatriado, era indiano, que foi atingido em



cheio pela cabeça, o homem caiu e desmaiou, mas não sangrava, ficou inchado como se tivesse duas cabeças. Mais pessoas foram atingidas. Os gritos das pessoas agudizaram diante daquela situação de horror semelhante aos filmes de Hollywood.

As chamas que pareciam sair de um vulcão, alcançaram à acomodação em questões de segundos e isso fez com que, naquele momento de angústia, Neusa e os demais aplicassem a velha máxima de: ***“cada um por si e Deus para todos”***. As bolsas salva-vidas estavam fora de hipótese, não havia tempo, e a única solução bem a frente dos seus olhos era jogar-se no alto mar, mais de vinte metros de altura, parecia suicídio. Era suicídio.

O primeiro a jogar-se foi outro expatriado, um senhor britânico, barbudo e de cabelo ruivo, que estava todo trémulo, tremia como uma folha mesmo sendo gordinho. Suspirou fundo, correu gritando para o bombordo, lado direito do barco, e lá se foi como se fosse o super-homem. Mas, o homem não fez bem a projecção e acabou sendo acolhido pela estrutura do navio que já estava ligeiramente inclinada e o corpo foi rechaçado para o mar. Foi a última vez que foi visto.

Mesmo em face daquele cenário de medo e pânico em que havia um provável esbarro à estrutura de ferro do navio e morte imediata garantida, as pessoas não tinham mais saída, porquanto estavam entre a espada e a parede,

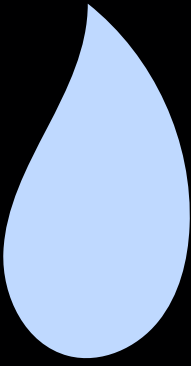


ou melhor, entre as chamas e a temível altura. As chamas aproximavam-se com a velocidade do vento, era possível sentir o cheiro delas, um cheiro abrasador. Em função disso, foram se jogando ao mar, um atrás do outro.

Neusa correu para o estibordo, o lado esquerdo do navio, e com toda aquela confusão não via bem o caminho e tropeçou num dos objectos que fora projectado, caiu e bateu com a cara no chão metálico e fios de sangue verteram das suas narinas até aos lábios. Limpou o sangue com as costas da mão, levantou-se e, com bravura, retornou a sua corrida até alcançar o corrimão metálico, subiu...

Fez uma breve oração, e depois lançou-se ao mar.





SplOoOsh...



Os barcos de apoio que estavam nas proximidades, recolheram todas as pessoas que corajosamente se lançaram ao mar. Algumas estavam vivas, outras não tiveram a mesma sorte. Neusa fazia parte do último grupo, dos que não tiveram sorte, mas o seu corpo e de outros trabalhadores foram recuperados e colocados em sacos plásticos pretos.

Instantes depois, Kiluanje que também se jogara no mar e foi resgatado vivo, ficou muito radiante quando viu alguém naquele barco que pensava estar morto. Era o Pedrosa, seu primo. Estava sentado numa das cadeiras cobrindo-se com um cobertor grosso castanho, tremia. Os dois se abraçaram, um abraço forte revestido de alegria e tristeza.

Mais tarde, Pedrosa contou ao primo que quando a primeira explosão ocorreu, ele regressava à acomodação a pedido do kota Gelson para pegar uma ferramenta, mas pelo impacto da explosão tinha perdido os sentidos e quando despertou,



estava em pânico, desnorteado com as chamas, daí não pensou duas vezes e atirou-se ao mar, e teve a sorte de ser imediatamente resgatado. Além disso, também contou-lhe que se sentia culpado pelo sucedido, a explosão do compressor e o incêndio do navio.

– O que quer dizer com isso, Pedrosa? – Kiluanje perguntou, confuso.

– Talvez eu podia ter evitado, mas não tive coragem – respondeu, com a voz entrecortada pelo choro.

– Não estou a entender, Pedrosa. Você fez o quê, primo?

– O kota Gelson nos pediu para fazer o trabalho, eu e o André. Ele disse que precisava descansar um pouco mais e alegou dores nas costas. Então, André assumiu a liderança, mas, infelizmente, não fizemos o trabalho conforme as instruções.

– **Jesus Cristo!** Me fala, o que fizeram exactamente?

– Não verificamos todos os pontos que deveríamos, ou seja, marcamos vários deles sem ver. Ignoramos os pontos críticos onde poderia haver vazamento de gás, sabes. É triste, primo, agimos como amadores, e acho que, com essa atitude, não merecemos mais trabalhar nessa indústria.



— Sério isso, primo? Mas por quê?

— Sim, infelizmente — disse, com gotas de lágrimas abandonando os seus olhos. — André garantiu-me que não faria muita diferença e que eu poderia confiar nele, pois nada de ruim poderia acontecer. Ele também me informou que estava em uma situação de urgência e precisava ligar para sua esposa, pois o filho recém-nascido estava incomodado, por isso pediu que despachássemos tudo.

Pedrosa fez uma ligeira pausa, e, com a parte interna do cobertor, limpou as lágrimas que teimavam a escorrer, depois prosseguiu.

— Tive medo de sofrer retaliação, por isso não o contrariei, nem informei ao kota Gelson, ou mesmo ao chefe Mavinga. Se falasse, se calhar, não estaríamos aqui, nessa confusão toda — concluiu com solavancos de soluços e inclinou a cabeça para baixo.

Kiluanje não o criticou, não era o momento propício, por isso colocou a sua mão no ombro dele, deu umas palmadinhas para consolá-lo. Naquele minuto, Kiluanje foi invadido pelos pensamentos melancólicos. Lembrou-se de alguns colegas e amigos que partiram para o outro mundo e deixaram famílias, filhos, esposas, esposos, enfim. Só de imaginar, ficou comovido e uma gota de lágrima caiu do seu olho esquerdo.



Das cento e sessenta e cinco pessoas que estavam no CABAÇA, vinte e quatro delas não sobreviveram, incluindo Gelson e André, que estavam no ponto nuclear da explosão, e não foram mais vistos, portanto, os seus corpos e sonhos acompanharam o gigante de ferro nas profundezas do mar.





Fim.

Luanda, 27 de Junho de 2023

Zola Miguel
Bondi Kíala
Daniel Said

Autor
Editor & Designer
Revisor

Capa, Diagramação & Projecto Gráfico:



Obrigado!